

JOSEMARÍA ESCRIVÁ

A MORTE DE CRISTO,
VIDA DO CRISTÃO

CRISTO PRESENTE
NOS CRISTÃOS

EDIÇÕES QUADRANTE LTDA.

.LB 1519240
R. 38.277

UNIVERSIDAD DE NAVARRA
BIBLIOTECA DE HUMANIDADES

JOSEMARIA ESCRIVA

A MORTE DE CRISTO,
VIDA DO CRISTÃO

CRISTO PRESENTE
NOS CRISTÃOS

BOBOS GUARANTE LIDA

A MORTE DE CRISTO, VIDA DO CRISTÃO

Esta semana, que tradicionalmente o povo cristão chama santa, oferece-nos, uma vez mais, a ocasião de considerar — de reviver — os momentos em que se consuma a vida de Jesus. Tudo o que, ao longo destes dias, as diversas manifestações da piedade nos trazem à memória, orienta-se certamente para a Ressurreição, que é o fundamento da nossa fé, como escreve São Paulo (cfr. I Cor. 15, 14). Não devemos, porém, percorrer com excessiva pressa esse caminho; não devemos deixar cair no esquecimento uma coisa muito simples que talvez nos escape de vez em quando: não poderemos participar da Ressurreição do Senhor se não nos unirmos à sua Paixão e à sua Morte (cfr. Rom. 8, 17). Para acompanhar Cristo em sua glória, no fim da Semana Santa, é preciso introduzir-se antes no seu holocausto e sentir-se uma só coisa com Ele, morto no Calvário.

A entrega generosa de Cristo defronta-se com o pecado, essa realidade dura de aceitar, mas inegável: o “mistério de iniquidade”, a inexplicável maldade da criatura que se levanta, por soberba, contra

Deus. A história é tão antiga como a Humanidade. Recordemos a queda dos nossos primeiros pais; depois, toda essa cadeia de depravações que balizam o andar dos homens, e, finalmente, as nossas rebeldias pessoais. Não é fácil considerar a perversão que o pecado implica e compreender tudo o que a fé nos diz. Devemos dar-nos conta, mesmo no plano humano, de que a magnitude da ofensa se mede pela condição do ofendido, pelo seu valor pessoal, pela sua dignidade social, pelas suas qualidades. E o homem ofende a Deus: a criatura renega o seu Criador.

Mas “Deus é Amor” (I João 4, 8). O abismo de malícia que o pecado representa foi transposto por uma Caridade infinita. Deus não abandona os homens. Os desígnios divinos prevêm que, para reparar as nossas faltas, para restabelecer a unidade perdida, não eram suficientes os sacrifícios da Antiga Lei; fazia-se necessária a entrega de um Homem que fôsse Deus. Podemos imaginar — para de algum modo nos aproximarmos deste mistério insondável — que a Trindade Beatíssima se reúne em conselho, em sua contínua relação íntima de amor imenso, e, como resultado dessa decisão eterna, o Filho Unigênito de Deus Pai assume a nossa condição humana, carrega sobre si as nossas misérias e as nossas dores, para acabar cravado com pregos num madeiro.

Este fogo, este desejo de cumprir o decreto salvador de Deus Pai, invade toda a vida de Cristo, desde o seu próprio nascimento em Belém. Ao longo

dos três anos em que conviveram com Ele, os discípulos ouvem-no repetir incansavelmente que seu alimento é fazer a vontade dAquele que o envia (cfr. João, 4, 34). Até que, indo a meio a tarde da primeira Sexta-Feira Santa, se conclui a sua imolação. “Inclinando a cabeça, entregou o espírito” (João, 19, 30). É com estas palavras que o apóstolo São João nos descreve a morte de Cristo. Jesus, sob o peso da cruz com todas as culpas dos homens, morre por causa da força e da vileza dos nossos pecados.

Devemos meditar no Senhor, ferido dos pés à cabeça por nosso amor. Com uma frase que se aproxima da realidade, embora não acabe de dizer tudo, podemos repetir com um autor de há séculos: “O corpo de Jesus é um retábulo de dores”. À vista de Cristo feito um farrapo, convertido num corpo inerte descido da Cruz e confiado a sua Mãe; à vista desse Jesus despedaçado, poderia concluir-se que essa cena é a manifestação mais clara de uma derrota. Onde estão as multidões que o seguiam? E o Reino cujo advento anunciava? No entanto, não é derrota, mas vitória. Agora acha-se mais perto que nunca do momento da Ressurreição, da manifestação da glória que conquistou com a sua obediência.

A morte de Cristo chama-nos a uma plena vida cristã

Acabamos de reviver o drama do Calvário, o que me atreveria a chamar a Missa primeira e primordial,

celebrada por Jesus Cristo. Deus Pai entrega seu Filho à morte. Jesus, o Filho Unigênito, abraça-se ao lenho em que haviam de “justificá-lo”, e seu sacrifício é aceito pelo Pai; como fruto da Cruz, derrama-se sobre a humanidade o Espírito Santo (cfr. Rom. 3, 24 e segs.; Hebr. 10, 5 e segs.; João, 7, 39).

Na tragédia da Paixão, consuma-se a nossa própria vida e a história humana inteira. A Semana Santa não pode reduzir-se a uma simples recordação, porque é a consideração do mistério de Jesus Cristo, que se prolonga em nossas almas; o cristão está obrigado a ser *alter Christus, ipse Christus*, outro Cristo, o próprio Cristo. Pelo Batismo, todos fomos constituídos sacerdotes da nossa própria existência, “para oferecer vítimas espirituais, que sejam agradáveis a Deus por Jesus Cristo” (1 Pedro, 2, 5), para realizar cada uma de nossas ações em espírito de obediência à vontade de Deus, e assim perpetuar a missão do Deus-Homem.

Por contraste, essa realidade nos leva a deter-nos em nossas desditas, em nossos erros pessoais. É uma consideração que não nos deve desanimar nem colocar-nos ante a atualidade cética de quem renunciou às grandes esperanças, porque o Senhor reclama-nos tal como somos, para que participemos da sua vida, para que lutemos por ser santos. A santidade: quantas vezes pronunciamos essa palavra como se fosse um som vazio! Para muitos, chega até a ser um ideal inacessível, um lugar comum da ascética, mas não um fim concreto, uma realidade viva. Não pensavam assim os primeiros cristãos, que

usavam o nome de santos para se chamarem entre si, com toda a naturalidade e com grande frequência: “Todos os santos vos saúdam” (Rom. 16, 15), “Saudai a todos os santos em Cristo Jesus” (Fil. 4, 21).

Agora, situados ante o momento do Calvário, em que Jesus já morreu e ainda se não manifestou a glória do seu triunfo, é uma excelente ocasião para examinarmos os nossos desejos de vida cristã, de santidade; para reagirmos com um ato de fé ante as nossas fraquezas e, confiados no poder de Deus, fazermos o propósito de depositar amor nas coisas do nosso dia-a-dia. A experiência do pecado deve conduzir-nos à dor, a uma decisão mais amadurecida e mais profunda de sermos fiéis, de nos identificarmos deveras com Cristo, de perseverarmos custe o que custar nessa missão sacerdotal que Ele confiou a todos os seus discípulos sem exceção, e que nos impele a ser sal e luz do mundo (cfr. Mateus, 5, 13-14).

Pensar na morte de Cristo traduz-se num convite a situarmo-nos com absoluta sinceridade ante os nossos afazeres diários e a tomarmos a sério a fé que professamos. A Semana Santa não pode, pois, ser um parêntesis sagrado no contexto de um viver motivado exclusivamente por interesses humanos; deve ser uma ocasião de adentrar nas profundezas do Amor de Deus para assim podermos mostrá-lo aos homens, com a palavra e com as obras.

Mas o Senhor estabelece condições. São Lucas conserva-nos uma declaração sua de que não po-

demos prescindir: “Se algum dos que me seguem não aborrece seu pai e mãe, a mulher e os filhos, os irmãos e as irmãs, e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo” (Luc. 14, 26). São termos duros. É verdade que nem a palavra odiar nem a palavra aborrecer exprimem bem o pensamento original de Jesus. De qualquer forma, as palavras do Senhor foram fortes, porque também não se reduzem a um “amar menos”, como por vezes se interpreta temperadamente, para suavizar a frase. É terrível uma expressão tão taxativa, não porque implique uma atitude negativa ou impiedosa — uma vez que o Jesus que fala agora é o mesmo que manda amar os outros como à própria alma, e que dá a sua vida pelos homens —, mas por ser uma locução que indica simplesmente que diante de Deus não são possíveis as meias medidas. As palavras de Cristo poderiam traduzir-se por “amar mais”, “amar melhor”, ou antes por não amar com um amor egoísta nem tampouco com um amor de curto alcance: devemos amar com o Amor de Deus.

É disso que se trata. Observemos com atenção a última das exigências de Jesus: *et animam suam*. A vida, a própria alma, isso é o que o Senhor pede. Se somos fátuos, se nos preocupamos apenas com a nossa comodidade pessoal, se encaramos a existência dos outros e inclusive do mundo por referência exclusiva a nós mesmos, não temos o direito de nos chamarmos cristãos e de nos considerarmos discípulos de Cristo. É necessária a entrega com obras e com verdade, não só com a boca (I João 3, 18).

O amor a Deus convida-nos a levar a cruz a pulso, a sentir também sobre nós o peso da humanidade inteira, e a cumprir, dentro das circunstâncias próprias do estado e do trabalho de cada um, os desígnios ao mesmo tempo claros e amorosos da vontade do Pai. Na passagem que comentamos, Jesus prossegue: “E aquele que não carrega a sua cruz e me segue, também não pode ser meu discípulo” (Luc. 14, 27).

Temos que aceitar sem medo a vontade de Deus, precisamos formular sem vacilações o propósito de edificar toda a nossa vida de acordo com o que a nossa fé nos ensina e exige. Não há dúvida de que encontraremos luta, sofrimento e dor, mas, se possuirmos uma fé verdadeira, nunca nos consideraremos infelizes: mesmo com penas e até com calúnias, seremos felizes, com uma felicidade que nos impelirá a amar os demais, para fazê-los participar da nossa alegria sobrenatural.

O cristão ante a história humana

Ser cristão não é um título para mera satisfação pessoal: tem nome — substância — de missão. Já antes recordávamos que o Senhor convida todos os cristãos a serem sal e luz do mundo. Fazendo-se eco deste preceito, e com textos tirados do Antigo Testamento, São Pedro escreve umas palavras que marcam muito claramente esse objetivo: “Vós sois linhagem escolhida, sacerdócio real, gente santa, po-

vo de conquista, para anunciar as grandezas dA-quele que vos tirou das trevas para a sua luz admirável” (I Pedro 2, 9).

Ser cristão não é algo de accidental; é uma divina realidade que se insere nas entranhas da nossa vida, dando-nos uma visão límpida e uma vontade decidida de agir como Deus quer. Aprende-se assim que a peregrinação do cristão pelo mundo tem que se converter num contínuo serviço prestado de modos muito diversos, conforme as circunstâncias pessoais, mas sempre por amor a Deus e ao próximo. Ser cristão é agir sem pensar nas pequenas metas do prestígio ou da ambição, nem em finalidades que podem parecer mais nobres, como a filantropia ou a compaixão ante as desgraças alheias; é progredir em direção ao termo último e radical do amor que Jesus Cristo manifestou ao morrer por nós.

Observam-se por vezes certas atitudes que são resultado de não saber captar esse mistério de Jesus. Por exemplo, a mentalidade dos que vêem o cristianismo como um conjunto de práticas ou atos de piedade, sem perceberem a sua relação com as situações da vida de todos os dias, com a urgência de se atender às necessidades dos outros e de nos esforçarmos por remediar as injustiças.

Eu diria que os que têm essa mentalidade ainda não compreenderam o que significa que o Filho de Deus se tenha encarnado, que tenha assumido corpo, alma e voz de homem, que tenha participado do nosso destino até experimentar o despedaçamento

supremo da morte. Talvez sem o quererem, certas pessoas consideram Cristo como um estranho no ambiente dos homens.

Outros, por sua vez, tendem a imaginar que, para poderem ser humanos, têm que pôr em surdina alguns aspectos centrais do dogma cristão, e agem como se a vida de oração, o trato contínuo com Deus, constituíssem uma fuga ante as próprias responsabilidades e um abandono do mundo. Esquecem que foi o próprio Jesus que nos deu a conhecer até que extremo se devem levar o amor e o serviço. Só se procurarmos compreender o arcano do amor de Deus, desse amor que chega até à morte, é que seremos capazes de nos entregarmos totalmente aos outros, sem nos deixarmos vencer pela dificuldade ou pela indiferença.

É a fé em Cristo — morto e ressuscitado, presente em todos e cada um dos momentos da vida — que ilumina as nossas consciências, incitando-nos a participar com todas as forças nas vicissitudes e nos problemas da história humana. Nessa história, que se iniciou com a criação do mundo e que findará com a consumação dos séculos, o cristão não é um apátrida. É um cidadão da cidade dos homens, com a alma invadida pelo desejo de Deus, cujo amor começa a entrever já nesta etapa temporal e no qual reconhece o fim a que estamos chamados todos os que vivemos na terra.

Se tem interesse o meu testemunho pessoal, posso dizer que concebi sempre a minha atividade de sacerdote e de pastor de almas como uma tarefa

dirigida a situar cada um em face das exigências completas da sua vida, ajudando-o a descobrir aquilo que Deus lhe pede em concreto, sem estabelecer qualquer limitação a essa independência santa e a essa abençoada responsabilidade individual, que são características de uma consciência cristã. Esse modo de agir e esse espírito baseiam-se no respeito à transcendência da verdade revelada e no amor à liberdade da criatura humana. Poderia acrescentar que se baseia também na certeza da indeterminação da história, aberta a múltiplas possibilidades, que Deus não quis fechar.

Seguir Cristo não significa refugiar-se no templo, encolhendo os ombros ante o desenvolvimento da sociedade, ante os acertos ou as aberrações dos homens e dos povos. Ao contrário, a fé cristã leva-nos a ver o mundo como criação do Senhor, a apreciar, portanto, tudo o que é nobre e belo, a reconhecer a dignidade de cada pessoa, feita à imagem de Deus, e a admirar o dom especialíssimo da liberdade, que nos faz donos dos nossos próprios atos e nos permite — com a graça do Céu — construir o nosso destino eterno.

Empequeneceríamos a fé se a reduzíssemos a uma ideologia terrena, arvorando um estandarte político-religioso, para condenar, não se sabe em nome de que investidura divina, os que não pensam do mesmo modo em problemas que são, por sua própria natureza, suscetíveis de receber numerosas e diversas soluções.

Aprofundar no sentido da morte de Cristo

A digressão que acabo de fazer não tem outra finalidade senão pôr de manifesto uma verdade central: lembrar que a vida cristã encontra o seu sentido em Deus. Os homens não foram criados apenas para edificarem um mundo mais justo possível, porque — além disso — fomos estabelecidos na terra para entrarmos em comunhão com o próprio Deus. Jesus Cristo não nos prometeu nem a comodidade temporal nem a glória terrena, mas a casa de Deus Pai, que nos espera no termo do caminho (cfr. João, 14, 2).

A liturgia da Sexta-Feira Santa inclui um hino maravilhoso — o *Crux fidelis* — em que se nos convida a cantar e a celebrar o glorioso combate do Senhor, o troféu da Cruz, o preclaro triunfo de Cristo. O Redentor do Universo, ao ser imolado, vence. Deus, dono de todas as coisas criadas, não afirma a sua presença pela força das armas, ou mesmo mediante o poder temporal dos seus, mas pela grandeza do seu amor infinito.

O Senhor não destrói a liberdade do homem: foi Ele precisamente quem nos fez livres. Por isso, não quer respostas forçadas; quer decisões que procedam da intimidade do coração. E espera de nós, cristãos, que vivamos de tal maneira que os que estão em contacto conosco percebam, por cima das nossas próprias misérias, erros e deficiências, o eco do drama de amor do Calvário. Tudo o que temos, recebemo-lo de Deus, para sermos sal

que salgue, luz que leve aos homens a notícia alegre de que Ele é um Pai que ama sem medida. O cristão é sal e luz do mundo não porque vence ou triunfa, mas porque dá testemunho do amor de Deus; e não será sal, se não serve para salgar; não será luz, se, com o seu exemplo e com a sua doutrina, não oferece um testemunho de Jesus, se perde o que constitui a razão de ser da sua vida.

É conveniente que aprofundemos no que a morte de Cristo nos revela, sem permanecermos em formas exteriores ou em frases estereotipadas. É necessário que nos introduzamos verdadeiramente nas cenas que revivemos nestes dias: a dor de Jesus, as lágrimas de sua Mãe, a fuga dos discípulos, a valentia das santas mulheres, a audácia de José e Nicodemos, que pedem a Pilatos o corpo do Senhor.

Devemos aproximar-nos, em suma, de Jesus morto, dessa Cruz que se recorta sobre o cume do Gólgota. Mas devemos aproximar-nos com sinceridade, sabendo encontrar esse recolhimento interior que é sinal de maturidade cristã. Desta forma, os acontecimentos divinos e humanos da Paixão invadirão a alma, como palavra que Deus nos dirige para desvendar os segredos do nosso coração e revelar-nos o que espera de nossas vidas.

Faz muitos anos, vi um quadro que se gravou profundamente em meu interior. Representava a Cruz de Cristo e, junto do lenho, três anjos: um chorava com desconsolo; outro tinha um prego na

mão, como que para convencer-se de que tudo aquilo era verdade; o terceiro estava recolhido em oração. Um programa sempre atual para cada um de nós: chorar, crer e orar.

Ante a Cruz, dor de nossos pecados, dos pecados da humanidade, que levaram Jesus à morte; fé, para aprofundarmos nessa verdade sublime que ultrapassa todo o entendimento, e para nos maravilharmos ante o amor de Deus; oração, para que a vida e a morte de Cristo sejam o modelo e o estímulo da nossa vida e da nossa entrega. Só assim nos chamaremos vencedores; porque Cristo ressuscitado vencerá em nós, e a morte se transformará em vida (*).

(*) Publicado em Madrid, no jornal ABC de 22-III-70.

cer-se do fruto do seu ventre, não se compadecer do filho de suas entranhas? Pois ainda que ela se esquecesse, eu não me esquecerei de ti” (Isaías, 49, 14, 15). Foi a promessa de Jesus. E cumpriu-a. Deus continua a achar suas delícias entre os filhos dos homens (cfr. Prov. 8, 31).

Cristo vive na sua Igreja. “Digo-vos a verdade: a vós convém que eu vá, porque, se não for, o Consolador não virá a vós. Mas, se for, eu vo-lo enviarei” (João 16, 7). Tais eram os desígnios de Deus: Jesus, morrendo na Cruz, dava-nos o Espírito de Verdade e de Vida. Cristo permanece na sua Igreja: nos seus sacramentos, na sua liturgia, na sua pregação e em toda a sua atividade.

De modo especial, Cristo continua presente entre nós nessa entrega diária da Sagrada Eucaristia. Por isso a Missa é o centro e raiz da vida cristã. Em toda Missa está sempre o Cristo Total, Cabeça e Corpo. *Por Cristo, com Cristo e em Cristo.* Porque Cristo é o Caminho, o Mediador; nEle encontramos tudo; fora dEle, nossa vida permanece vazia. Em Jesus Cristo, e instruídos por Ele, atrevemo-nos a dizer — *audemus dicere* — *Pater noster*, Pai nosso. Atrevemo-nos a chamar Pai ao Senhor dos céus e da terra.

A presença de Jesus vivo na Hóstia Santa é a garantia, a raiz e a consumação da sua presença no mundo.

Cristo vive no cristão. A fé diz-nos que o homem, em estado de graça, se encontra *endeusado*. Somos homens e mulheres, não anjos. Seres de

carne e osso, com coração e com paixões, com tristezas e alegrias. Mas a divinização repercute em todo o homem, como uma antecipação da ressurreição gloriosa. “Cristo ressuscitou dentre os mortos e constituiu-se como as primícias dos defuntos; porque, assim como por um homem veio a morte, por um homem deve vir a ressurreição dos mortos. Assim como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos serão vivificados” (I Cor. 15, 20-21).

A vida de Cristo é a nossa vida, conforme Jesus prometera aos Apóstolos na Última Ceia: “Todo aquele que me ama observa os meus mandamentos, e meu Pai o amará, e viremos a ele, e nele faremos a nossa morada” (João, 14, 23). O cristão deve, pois, viver segundo a vida de Cristo, fazendo seus os sentimentos de Cristo, de maneira a poder exclamar com São Paulo: “*Non vivo ego, vivit vero in me Christus*, não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim” (Gál. 2, 20).

* * *

Quis recordar, embora brevemente, alguns dos aspectos dessa vida atual de Cristo — *Iesus Christus heri et hodie, ipse et in saecula*; Jesus Cristo ontem e hoje, o mesmo pelos séculos (Hebr. 13, 8) — porque nela se acha o fundamento de toda a vida cristã. Se olharmos à nossa volta e considerarmos o curso da história da humanidade, observaremos progressos e avanços. A ciência deu ao homem

uma maior consciência do seu poder. A técnica domina a natureza em maior grau que em épocas passadas e permite que a humanidade sonhe em chegar a um nível mais alto de cultura, de vida material e de unidade.

Talvez alguns se sintam inclinados a matizar esse quadro, lembrando que os homens sofrem agora injustiças e guerras, inclusive piores que as do passado. Não lhes falta razão. Mas, por cima dessas considerações, prefiro recordar que, na ordem religiosa, o homem continua a ser homem, e Deus continua a ser Deus. Neste terreno, o cume do progresso já se verificou: é Cristo, alfa e ómega, princípio e fim (Apoc. 21, 6).

Na vida espiritual, não existe uma nova época a atingir. Já está tudo dado em Cristo, que morreu, e ressuscitou, e vive, e permanece sempre. Mas é preciso unirmo-nos a Ele pela fé, deixando que sua vida se manifeste em nós, de maneira a poder-se dizer que cada cristão é não já *alter Christus* — outro Cristo —, mas *ipse Christus*, o próprio Cristo!

Instaurare omnia in Christo, é o lema que São Paulo dá aos cristãos de Éfeso (Efés. 1, 10): informar o mundo inteiro com o espírito de Jesus, colocar Cristo na entranha de todas as coisas. “*Si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meipsum*, quando for levantado ao alto sobre a terra, tudo atrairei a mim” (João, 12, 32). Cristo, com a sua encarnação, com a sua vida de trabalho em Nazaré, com a sua pregação e milagres pelas terras

da Judéia e da Galiléia, com a sua morte na Cruz, com a sua Ressurreição, é o centro da Criação, Primogênito e Senhor de toda criatura.

Nossa missão de cristãos é proclamar essa realza de Cristo, anunciá-la com a nossa palavra e as nossas obras. O Senhor quer os seus em todas as encruzilhadas da terra. A alguns, chama-os ao deserto, para que se desentendam dos avatares da sociedade dos homens e recordem aos outros, com o seu testemunho, que Deus existe. A outros, confia-lhes o ministério sacerdotal. A grande maioria, Ele a quer no meio do mundo, nas ocupações terrenas. Portanto, estes cristãos devem levar Cristo a todos os âmbitos em que desenvolvem as tarefas humanas: à fábrica, ao laboratório, ao cultivo da terra, à oficina do artesão, às ruas das grandes cidades e aos caminhos de montanha.

Gosto de recordar a este propósito a cena da conversa de Cristo com os discípulos de Emaús. Jesus caminha ao lado daqueles dois homens que perderam quase toda a esperança, a tal ponto que a vida começa a parecer-lhes sem sentido. Compreende a sua dor, introduz-se em seu coração, comunica-lhes um pouco da vida que habita nEle.

Quando, ao chegarem à aldeia, Jesus parece querer continuar viagem, os discípulos detêm-no e quase o obrigam a ficar com eles. Reconhecem-no depois, ao partir o pão; o Senhor, exclamam, esteve conosco. “Então disseram um para o outro: Não é verdade que sentíamos o coração abrasar-se dentro de nós, enquanto nos falava pelo caminho e nos

explicava as Escrituras?” (Luc. 24, 32). Cada cristão deve tornar Cristo presente entre os homens; deve agir de tal modo que à sua volta se perceba o *bonus odor Christi*, o bom odor de Cristo (cfr. II Cor. 2, 15); deve agir de modo que, através das ações do discípulo, se possa descobrir o rosto do Mestre.

O cristão sabe-se enxertado em Cristo pelo batismo; habilitado a lutar por Cristo, pela confirmação; chamado a atuar no mundo pela participação na função real, profética e sacerdotal de Cristo; transformado numa só coisa com Cristo pela Eucaristia, sacramento da unidade e do amor. Por isso, como Cristo, deve viver de rosto voltado para os outros homens, olhando com amor todos e cada um dos que o rodeiam e a humanidade inteira.

A fé leva-nos a reconhecer Cristo como Deus, a vê-lo como nosso Salvador, a identificar-nos com Ele, agindo como Ele agiu. O Ressuscitado, depois de tirar o Apóstolo Tomé de suas dúvidas, mostrando-lhe as suas chagas, exclama: “Bem-aventurados os que não me viram e creram” (João, 20, 29). E São Gregório Magno comenta: “Aqui fala-se de nós de um modo particular, porque nós possuímos espiritualmente Aquele a quem não vimos corporalmente. Fala-se de nós, mas com a condição de que as nossas ações estejam de acordo com a nossa fé. Não crê verdadeiramente senão aquele que, em seu agir, põe em prática o que crê. Por isso diz São Paulo daqueles que da fé só possuem palavras: professam conhecer a Deus,

mas negam-no com as obras” (Hom. sobre os Evangelhos 26, 10).

Não é possível separar em Cristo o seu ser de Deus-Homem da sua função de Redentor. O Verbo se fez carne e veio à terra *ut omnes homines salvi fiant*, para salvar todos os homens. Com nossas misérias e limitações pessoais, somos outros Cristos, o próprio Cristo, chamados também para servir a todos os homens.

É necessário que ressoe muitas vezes aquele mandamento que permanecerá novo através dos séculos. “Caríssimos — escreve São João —, não pretendo escrever-vos um mandamento novo, mas um mandamento antigo, que recebestes desde o começo; o mandamento antigo é a palavra divina que ouvistes. E, não obstante, eu vos digo que o mandamento de que vos falo é um mandamento novo, que é verdadeiro em si mesmo e em vós, porque as trevas desapareceram, e brilha já a luz verdadeira. Quem diz estar na luz e aborrece seu irmão, está ainda em trevas. Quem ama o seu irmão, mora na luz e nele não existe escândalo” (I João 2, 7-10).

O Senhor veio trazer a paz, a boa nova, a vida, a todos os homens. Não apenas aos ricos, nem apenas aos pobres. Não apenas aos sábios, nem apenas aos ingênuos. A todos. Aos irmãos que somos, pois somos filhos de um mesmo Pai Deus. Não existe, pois, senão uma raça: a raça dos filhos de Deus. Não existe mais do que uma cor: a cor dos filhos de Deus. E não existe senão uma língua: essa

que fala ao coração e à cabeça, sem ruído de palavras, mas dando-nos a conhecer Deus e fazendo que nos amemos uns aos outros.

* * *

É esse amor de Cristo que cada um de nós deve esforçar-se por realizar, na própria vida. Mas para ser *ipse Christus* — o próprio Cristo — é preciso *contemplar-se* nEle. Não basta ter uma idéia geral do espírito de Jesus, mas é preciso aprender dEle pormenores e atitudes. E sobretudo é preciso contemplar a sua passagem pela terra, as suas pisadas, para extrair daí força, luz, serenidade e paz.

Quando se ama uma pessoa, deseja-se conhecer até os menores detalhes da sua existência, do seu caráter, para assim alcançar a identificação com ela. É por isso que temos que meditar a história de Cristo, desde o seu nascimento num presépio até à sua morte e sua ressurreição. Nos meus primeiros anos de atividade sacerdotal, costumava oferecer exemplares do Evangelho ou livros em que se narrava a vida de Jesus. Porque é preciso que a conheçamos bem, que a tenhamos toda inteira na cabeça e no coração, de modo que, em qualquer momento, sem necessidade de nenhum livro, fechando os olhos, possamos contemplá-la como num filme; de forma que, nas diversas situações do nosso viver, acudam à memória as palavras e os atos do Senhor.

Assim nos sentiremos integrados na sua vida. Porque não se trata apenas de pensar em Jesus, de imaginar aquelas cenas. Temos que introduzir-nos plenamente nelas, ser protagonistas. Seguir Cristo tão de perto quanto Santa Maria, sua Mãe; quanto os primeiros doze e aquelas multidões que se comprimiam à sua volta. Se agimos assim, se não erguemos obstáculos, as palavras de Cristo entrarão até o fundo da alma e transformar-nos-ão. Porque “a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante que espada de dois gumes, e introduz-se até às dobras da alma e do espírito, até às articulações e medulas, e discerne os pensamentos e as intenções do coração” (Hebr. 4, 12).

Se queremos levar até o Senhor os outros homens, temos que ir ao Evangelho e contemplar o amor de Cristo. Poderíamos deter-nos nas cenas da Paixão porque, como Ele mesmo disse, “ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos” (João 15, 13). Mas podemos considerar também o resto da sua vida, sua maneira de lidar habitualmente com os que se cruzavam com Ele.

Cristo, perfeito Deus e perfeito Homem, procedeu de modo humano e divino para fazer chegar aos homens a sua doutrina de salvação e manifestar-lhes o amor de Deus. Deus condescende com o homem, assume a nossa natureza sem reservas, à exceção do pecado.

Causa-me uma profunda alegria considerar que Cristo quis ser plenamente homem, com carne como

a nossa. Emociona-me contemplar a maravilha de um Deus que ama com coração de homem.

Entre tantas cenas que os evangelistas nos nar-ram, detenhamo-nos a considerar algumas, começan-do pelos relatos dos momentos de convivência de Je-sus com os doze. O apóstolo João, que derrama em seu Evangelho a experiência de toda uma vida, narra aquela primeira conversa com o encanto das coisas que nunca se esquecem. “Mestre, onde moras? Diz-lhes Jesus: Vinde e vede. Foram, pois, e viram onde morava, e ficaram com Ele aquele dia” (João 1, 38-39).

Diálogo divino e humano, que transformou as vidas de João e André, de Pedro, de Tiago e de tantos outros; que preparou seus corações para es-cutarem a palavra imperiosa que Jesus lhes dirigiu junto do mar da Galiléia. “Caminhando Jesus pe-las margens do mar da Galiléia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão, lan-çando as redes no mar, pois eram pescadores. E disse-lhes: Segui-me, e farei que sejais pescadores de homens. Imediatamente os dois deixaram as redes e o seguiram” (Mat. 4, 18-20).

Nos tres anos sucessivos, Jesus convive com os seus discípulos, conhece-os, responde às suas per-guntas, resolve suas dúvidas. É verdadeiramente o Rabi, o Mestre que fala com autoridade, o Messias enviado por Deus. Mas é ao mesmo tempo aces-sível, íntimo. Um dia, Jesus retira-se em oração; os discípulos encontravam-se perto, quem sabe olhan-do-o e procurando adivinhar as suas palavras.

Quando Jesus volta, um deles diz-lhe: “*Domine, doce nos orare, sicut docuit et Joannes discipulos suos*; ensina-nos a orar, como João ensinou aos seus discípulos. E Jesus respondeu-lhes: quando vos puserdes a orar, haveis de dizer: Pai, santificado seja o teu nome...” (Luc. 11, 1-2).

Com a mesma autoridade de Deus e carinho de homem, o Senhor recebe os Apóstolos que, admi-rados com os frutos da sua primeira missão, co-mentavam com Ele as primícias do seu apostolado: “Retirai-vos comigo a um lugar isolado, e descan-sareis um pouco” (Marcos 11, 1-2).

Uma cena muito similar se repete já no fim da permanência de Jesus sobre a terra, pouco antes da Ascensão. “Chegada a manhã, Jesus apareceu na margem; mas os discípulos não o reconheceram. E Jesus disse-lhes: rapazes, tendes alguma coisa que comer?” Aquele que perguntava como homem, fa-la depois como Deus: “Lançai as redes à direita da barca e achareis. Lançaram-nas, pois, e já não as podiam tirar pela quantidade de peixes que ha-via. Então o discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor.”

E Deus espera-os na margem: “Ao saltarem para terra, viram preparadas brasas acesas e um peixe posto em cima e pão. E Jesus disse-lhes: Trazei para cá os peixes que acabais de pescar. Simão Pe-dro subiu à barca e trouxe a rede para terra, cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes. E, ape-sar de serem tantos, a rede não se rompeu. Disse-lhes Jesus: Vinde, almoçai. E nenhum dos que

comiam ousava perguntar-lhe: Quem és?, sabendo que era o Senhor. Jesus aproximou-se, tomou o pão e o distribuiu, e o mesmo fez com o peixe” (João 21, 5-13).

Jesus manifesta essa delicadeza e carinho não só com um grupo pequeno de discípulos, mas com todos; com as santas mulheres, com representantes do Sinédrio — como Nicodemos — e com publicanos — como Zaqueu —, com doentes e sãos, com doutores da lei e pagãos, com pessoas individuais e com multidões inteiras.

Os Evangelhos contam-nos que Jesus não tinha onde reclinar a cabeça, mas contam-nos também que tinha amigos queridos e de confiança, desejosos de recebê-lo em sua casa. E falam-nos da sua compaixão pelos doentes, da sua dor pelos que ignoram e erram, do seu aborrecimento ante a hipocrisia. Jesus chora pela morte de Lázaro, ira-se com os mercadores que profanam o Templo, deixa que seu coração se enteneça ante a dor da viúva de Naim.

Cada um desses gestos humanos é gesto de Deus. “Em Cristo habita toda a plenitude da divindade corporalmente” (Col. 2, 9). Cristo é Deus feito homem, homem perfeito, homem inteiro. E, nos seus aspectos humanos, dá-nos a conhecer a divindade.

Ao recordarmos esta delicadeza humana de Cristo, que gasta a sua vida ao serviço dos outros, fazemos muito mais do que descrever um possível modo de nos comportarmos. Estamos descobrindo Deus. Toda a obra de Cristo tem um valor trans-

cedente: dá-nos a conhecer o modo de ser de Deus, convida-nos a crer no amor de Deus, que nos criou e nos quer levar à sua intimidade. “Manifestei o teu nome aos homens que me deste no mundo; eles eram teus, e mos deste; e eles puseram em prática a tua palavra. Agora souberam que tudo o que me deste vem de ti” (João 17, 6-7), exclamou Jesus na longa oração que o evangelista João nos conserva.

Por isso, o relacionamento de Jesus com os homens não fica em meras palavras ou em atitudes superficiais. Jesus toma a sério o homem e quer dar-lhe a conhecer o sentido divino da sua vida. Jesus sabe exigir, colocar cada um em face de seus deveres, tirar os que o escutam da comodidade e do conformismo, para levá-los a conhecer o Deus três vezes santo. Jesus comove-se ante a fome e a dor, mas sobretudo comove-o a ignorância. “Jesus viu a multidão que esperava por ele, e enterneceu-se em seu íntimo ante a cena, porque andavam como ovelhas sem pastor, e assim pos-se a instruí-los sobre muitas coisas” (Marcos 6, 34).

* * *

Percorremos algumas páginas dos Santos Evangelhos para contemplarmos Jesus na sua relação com os homens e aprendermos a levar para Cristo os nossos irmãos, sendo nós mesmos Cristo. É preciso aplicar essa lição à vida ordinária, à própria vida. Porque a vida corrente e ordinária, aquela

que vivemos entre os demais concidadãos, nossos iguais, não é nenhuma coisa plana e sem relevo. É precisamente nessas circunstâncias que o Senhor quer que a imensa maioria dos seus filhos se santifique.

É preciso repetir muitas vezes que Jesus não se dirigiu a um grupo de privilegiados, mas veio revelar-nos o amor universal de Deus. Todos os homens são amados por Deus, de todos eles espera amor. De todos. Sejam quais forem suas condições pessoais, sua posição social, sua profissão ou ofício. A vida corrente e ordinária não é coisa de pouco valor; todos os caminhos da terra podem ser ocasião de um encontro com Cristo, que nos chama à identificação com Ele para realizarmos — no lugar onde estivermos — a sua missão divina.

Deus chama-nos através das incidências da vida diária, no sofrimento e na alegria das pessoas com quem convivemos, nas lutas humanas dos nossos companheiros, nos pequenos acontecimentos da vida de família. Deus chama-nos também através dos grandes problemas, conflitos e tarefas que definem cada época histórica, atraindo esforços e ideais de grande parte da humanidade.

Compreende-se muito bem a impaciência, a angústia e os desejos inquietos daqueles que, com alma naturalmente cristã (cfr. Tertuliano, *Apologeticum* 17), não se resignam ante a injustiça pessoal e social que o coração humano pode criar. Tantos séculos de convivência entre os homens, e ainda tanto ódio, tanta destruição, tanto fanatismo acumulado

em olhos que não querem ver e em corações que não querem amar.

Os bens da terra, repartidos entre poucos; os bens da cultura, encerrados em cenáculos. E, fora, fome de pão e de sabedoria; vidas humanas que são santas, porque vêm de Deus, tratadas como simples coisas, como números de uma estatística. Compreendo e partilho dessa impaciência, que me impele a olhar para Cristo, que continua a convidar-nos a pormos em prática esse *mandamento novo* do amor.

Todas as situações por que atravessa a nossa vida trazem-nos uma mensagem divina, pedem-nos uma resposta de amor, de entrega aos outros. “Quando vier o Filho do homem com toda a sua magestade e acompanhado de todos os seus anjos, sentar-se-á então no trono da sua glória e fará comparecer diante dele todas as nações, e separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos, pondo as ovelhas à sua direita e os cabritos à esquerda.

“Então o rei dirá aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu pai, tomar posse do reino, que vos está preparado desde o princípio do mundo. Porque tive fome e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era peregrino, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; doente, e me visitastes; preso, e viestes ver-me. Ao que os justos responder-lhe-ão dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer; com sede, e te demos de beber; quando te achamos

peregrino, e te hospedamos; nu, e te vestimos; ou quando te vimos doente e na prisão, e te fomos visitar? E o rei, em resposta, dir-lhes-á: na verdade vos digo, sempre que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequenos, a mim o fizestes” (Mat. 25, 31-40).

Temos que reconhecer Cristo, que nos sai ao encontro nos nossos irmãos os homens. Nenhuma vida humana é uma vida isolada, mas entrelaça-se com outras vidas. Nenhuma pessoa é um verso solto, mas formamos todos parte de um mesmo poema divino, que Deus escreve com o concurso da nossa liberdade.

Não existe nada que possa ser alheio ao interesse de Cristo. Falando com profundidade teológica, isto é, se não nos limitamos a uma classificação funcional; falando com rigor, não se pode dizer que haja realidades — boas, nobres e mesmo indiferentes — que sejam exclusivamente profanas, uma vez que o Verbo de Deus estabeleceu sua morada entre os filhos dos homens, teve fome e sede, trabalhou com suas mãos, conheceu a amizade e a obediência, experimentou a dor e a morte. Porque em Cristo “aproveu ao Pai situar a plenitude de todo o ser, e reconciliar por Ele todas as coisas consigo, restabelecendo a paz entre o céu e a terra, por meio do sangue que derramou na cruz” (Col. 1, 19-20).

Temos que amar o mundo, o trabalho, as realidades humanas. Porque o mundo é bom; foi o pecado de Adão que quebrou a divina harmonia das coisas criadas, mas Deus Pai enviou seu Filho

Unigênito para que restabelecesse essa paz; para que nós, feitos filhos por adoção, pudéssemos libertar a criação da desordem e reconciliar todas as coisas com Deus.

Cada situação humana é irrepitível, fruto de uma vocação única que se deve viver com intensidade, realizando nela o espírito de Cristo. Deste modo, vivendo cristãmente entre os nossos iguais, de uma maneira ordinária mas coerente com a nossa fé, seremos *Cristo presente entre os homens*.

* * *

Ao considerarmos a dignidade da missão a que Deus nos chama, pode talvez surgir na alma humana a presunção, a soberba. É uma falsa consciência da vocação cristã aquela que cega, aquela que nos faz esquecer que somos feitos de barro, que somos pó e miséria; que não apenas existe mal no mundo, à nossa volta, mas que o mal está dentro de nós e se aninha no nosso próprio coração, tornando-nos capazes de vilanias e egoísmos. Só a graça de Deus é rocha forte: nós somos areia, e areia movediça.

Se se percorre com o olhar a história dos homens ou a situação atual do mundo, causa dor ver como, depois de vinte séculos, existem tão poucos que se chamam cristãos e que os que se adornam com esse nome são tantas vezes infiéis à sua vocação. Faz alguns anos, uma pessoa que não tinha mau coração, mas que não tinha fé, apontou para um

mapa-mundi e comentou comigo: Eis o fracasso de Cristo. Tantos séculos procurando introduzir na alma dos homens a sua doutrina, e veja os resultados: não há cristãos.

Não falta nos nossos dias quem pense assim. Mas Cristo não fracassou; sua vida e sua palavra fecundam continuamente o mundo. A obra de Cristo, a tarefa que seu Pai lhe encomendou, está-se realizando; sua força atravessa a história trazendo a verdadeira vida, “e quando já todas as coisas estiverem submetidas a Ele, então o próprio Filho ficará submetido, enquanto homem, àquele que as submeteu todas a si, a fim de que Deus seja tudo em todas as coisas” (I Cor. 15, 28).

Nessa tarefa que vai realizando no mundo, Deus quis que sejamos seus cooperadores, quis *correr o risco da nossa liberdade*. Toca-me o fundo da alma a figura de Jesus recém-nascido em Belém: uma criança indefesa, inerte, incapaz de oferecer resistência. Deus entrega-se nas mãos dos homens, aproxima-se e desce até nós.

Jesus Cristo, “tendo a natureza de Deus, não considerou usurpação ser igual a Deus, e não obstante aniquilou-se a si mesmo, tomando forma de escravo” (Filip. 2, 6-7). Deus condescende com a nossa liberdade, com a nossa imperfeição, com as nossas misérias. Consente que os tesouros divinos se contenham em vasos de barro, que o demos a conhecer misturando as nossas deficiências humanas com a sua força divina.

A experiência do pecado não nos deve, pois, fazer duvidar da nossa missão. É certo que os nossos pecados podem tornar difícil que se reconheça Cristo; por isso, temos que enfrentar as nossas próprias misérias pessoais, procurar a purificação; porém, cientes de que Deus não nos prometeu a vitória absoluta sobre o mal durante esta vida, mas nos pede luta. “*Sufficit tibi gratia mea, basta-te a minha graça*” (II Cor. 12, 9), respondeu Deus a São Paulo, que lhe pedia que o libertasse do aguilhão que o humilhava.

O poder de Deus manifesta-se na nossa fraqueza e impele-nos a lutar, a combater contra os nossos defeitos, mesmo que saibamos que nunca obteremos uma vitória completa durante o nosso peregrinar terreno. A vida cristã é um constante começar e recomeçar, um renovar-se em cada dia.

Cristo ressuscita em nós, se nos fazemos coparticipantes da sua Cruz e da sua Morte. Temos que amar a Cruz, a entrega, a mortificação. O otimismo cristão não é um otimismo meloso, nem uma confiança humana de que tudo correrá bem. É um otimismo que mergulha suas raízes na consciência da liberdade e na fé na graça; é um otimismo que leva a exigirmo-nos a nós mesmos, a esforçarmo-nos por corresponder à chamada de Deus.

Desse modo, não já apesar da nossa miséria, mas de certo modo através da nossa miséria, da nossa vida de homens feitos de carne e de barro, Cristo se manifesta — no esforço por sermos melhores, por realizarmos um amor que aspira a ser puro,

por dominarmos o egoísmo, por nos entregarmos plenamente aos outros, convertendo a nossa existência num constante serviço.

* * *

Não quero concluir sem uma última reflexão. O cristão — ao tornar Cristo presente entre os homens, sendo ele mesmo *ipse Christus*, o próprio Cristo —, não procura apenas viver uma atitude de amor, mas esforça-se por dar a conhecer o Amor de Deus através desse seu amor humano.

Jesus concebeu toda a sua vida como uma revelação desse amor: “Filipe — respondeu a um de seus discípulos — quem me vê, vê também o Pai” (João, 14-9). Na esteira desse ensinamento, o apóstolo João convida os cristãos a manifestarem com obras o amor de Deus, uma vez que o conheceram: “Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque a caridade procede de Deus; e todo aquele que ama é filho de Deus e conhece a Deus.

“Quem não possui este amor não conhece a Deus, porque Deus é amor. Nisto se demonstrou o amor de Deus por nós, em que enviou o seu Filho Unigênito ao mundo, para que por Ele tenhamos a vida. E nisto consiste o seu amor, em que não fomos nós que amamos a Deus, mas Ele nos amou primeiro e enviou o seu Filho como vítima de propiciação por nossos pecados. Caríssimos, se assim nos amou Deus, também nós devemos amar-nos uns aos outros” (I João 4, 7-11).

É necessário, pois, que a nossa fé seja viva, que nos leve realmente a crer em Deus e a manter um constante diálogo com Ele. A vida cristã deve ser vida de oração constante, que procura estar na presença do Senhor da manhã até à noite e da noite até à manhã. O cristão não é nunca um homem solitário, porque vive numa relação contínua com Deus, que está junto de nós e nos céus.

Sine intermissione orate, prescreve o Apóstolo, “orai sem interrupção” (I Tes. 5, 17). E Clemente Alexandrino escreve, recordando esse preceito apostólico: “Manda-se que louvemos e honremos o Verbo, a quem conhecemos como salvador e rei; e por Ele ao Pai, não em dias escolhidos, como fazem os outros, mas constantemente ao longo de toda a vida, e de todas as formas possíveis” (*Stromata* 1.7, c. 7 n.º 35).

No meio das ocupações de cada dia, no momento de vencer a tendência para o egoísmo, ao sentir a alegria da amizade com os outros homens, em todos esses instantes o cristão deve reencontrar Deus. Por Cristo e no Espírito Santo, o cristão tem acesso à intimidade de Deus Pai, e percorre o seu caminho à busca desse reino, que não é deste mundo, mas que se incoa e se prepara neste mundo.

É preciso tratar a Cristo, na Palavra e no Pão, na Eucaristia e na Oração. E tratá-Lo como se trata um amigo, um ser real e vivo que é Cristo, porque ressuscitou. “Cristo, lemos na epístola aos Hebreus, como permanece sempre, possui eternamente o sacerdócio. Daí que pode perpetuamente

salvar aqueles que por seu intermédio se apresentam a Deus, posto que está sempre vivo para interceder por nós” (Hebr. 7, 24-25).

Cristo, Cristo ressuscitado, é o companheiro, o Amigo. Um Companheiro que se deixa ver apenas entre sombras, mas cuja realidade inunda toda a nossa vida e que nos faz desejar a sua companhia definitiva. “O espírito e a esposa dizem: vem. Diga também quem escuta: vem. Por isso quem tem sede, venha; e o que quiser tome a água da vida. . . . E o que dá testemunho destas coisas diz: certamente venho em breve. Assim seja. Vem, Senhor Jesus” (Apoc. 22, 17 e 20) (*).

(*) Homilia proferida em Roma no dia 23-VI-67, Domingo da Ressurreição.